A Memória Viva do Cotidiano do IMS e a Transformação Institucional

A entrevista com Osvaldo, realizada em 23 de dezembro de 2021, oferece uma perspectiva única e valiosa sobre a história do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ e do Centro de Estudos em Saúde Coletiva (Cepesc). Como o funcionário mais antigo do Cepesc, Osvaldo é uma "memória viva" do cotidiano institucional, das relações interpessoais e das transformações que moldaram o IMS ao longo de mais de três décadas. Sua narrativa, rica em detalhes e afetividade, complementa as visões mais acadêmicas e políticas, revelando a dimensão humana da construção da saúde coletiva.

1. A Chegada ao Cepesc e os Primeiros Anos (1987)

Osvaldo narra sua chegada ao Cepesc em 1987, antes da eleição de Collor, por intermédio de Dona Dalva, uma funcionária muito querida por todos no IMS. Ele começou como "serviçal", em um período de transição, quando o IMS estava se mudando para o sétimo andar do hospital. Ele descreve o ambiente inicial como "mais tranquilo", com poucos funcionários (três ou quatro, como Elza, Sérgio Amato e Tica), mas com projetos que "funcionavam bem" e muito trabalho. A cultura do Cepesc, segundo ele, "sempre valorizou o funcionário que lá tinha", e havia um reconhecimento pelo trabalho árduo, com dias que se estendiam até as 22h.

Sua convivência com figuras como a Professora Sônia Mendonça, que coordenava o Cepesc na época, e a Professora Maria Andréa, então diretora do IMS, foi fundamental. Ele relembra a presença de personalidades como Gilberto Gil, que visitava o IMS devido à sua ligação com o MDB, e a proximidade com professores que hoje estão no exterior.

2. O Auge e a Transformação do Cepesc: De Apoio Interno a Projetos Externos

Osvaldo testemunhou a mudança na "cara" do Cepesc, que começou a se expandir e a receber mais funcionários, muitos deles vindos da Secretaria de Saúde e do Ministério da Saúde. Essa expansão, que ele situa com um "auge" entre 2007 e 2014, sob a gestão da Professora Jane Dutra Said, trouxe um crescimento significativo, mas também maior complexidade e a criação de mais setores.

Um ponto central de sua narrativa é a mudança na relação entre o Cepesc e o IMS. Inicialmente, o Cepesc foi criado para "auxiliar o Instituto", e Osvaldo, embora fosse do Cepesc, "sempre prestou serviço pro Instituto", atuando na entrega de correspondências em toda a UERJ e conhecendo "todos os meandros, as faculdades, os institutos". Ele relembra a forte integração do IMS com a UERJ como um todo, com os professores tendo um relacionamento maior entre si e com outras faculdades.

No entanto, essa relação mudou. Hoje, o Cepesc está "mais solto", com "muitos projetos de fora", deixando de ser "diretamente ao Instituto". Osvaldo lamenta a perda de benefícios

trabalhistas como carteira assinada, plano de saúde e auxílio alimentação, que existiam no auge do Cepesc, e o agravamento da situação com a pandemia.

3. Relações Pessoais e o Espírito do IMS: Proximidade e Engajamento

A memória de Osvaldo é rica em detalhes sobre as relações pessoais que marcaram o IMS. Ele descreve sua proximidade com Hesio Cordeiro, que, como reitor, o convidava para reuniões e o informava sobre aumentos salariais, fazendo-o sentir-se "fortalecido". Ele conhecia "todos os políticos" que visitavam Hesio, inclusive Brizola. Sua participação na campanha de Hesio para deputado na Zona Oeste demonstra o nível de engajamento e confiança.

A parceria com Zé Carlos, que ele descreve como "muito bacana, muito trabalhador", era tão forte que pareciam uma "dupla", conhecendo "cada cantinho da UERJ". Ele relembra as reuniões e festas com os professores em bares e restaurantes, um "espírito" de união que, para ele, se perdeu. A comemoração dos 40 anos do IMS em 2014 foi a única vez que ele viu "todo mundo mais ou menos misturado, se revelando", um contraste com o passado, quando "as pessoas faziam questão de estar".

Osvaldo expressa uma profunda saudade desse tempo de maior proximidade e engajamento. Ele lamenta que hoje "tem professor que entra que eu nem conheço", e que a tecnologia e a mudança de geração levaram a um distanciamento. A anedota sobre Zé Luiz Fiori e o roubo na Via Dutra, com Osvaldo indo à delegacia para resolver o problema, ilustra a dimensão das relações pessoais e da solidariedade que existiam.

4. Legado e Reflexões Finais

Apesar das mudanças e da nostalgia, Osvaldo mantém um carinho profundo pelo IMS e pelo Cepesc, considerando-os sua "casa". Ele expressa o desejo de que as pessoas que o ouvirem ou lerem sua entrevista saibam que "tudo o que eu falei aqui é o que aconteceu" e que as pessoas que ele mencionou "são gente boa, teve uma marca na minha vida".

A narrativa de Osvaldo é um lembrete da importância das relações humanas e do ambiente de trabalho na construção de uma instituição. Sua perspectiva, vinda de um lugar de apoio e serviço, revela a cultura organizacional do IMS e do Cepesc, as figuras que os moldaram e a percepção das transformações ao longo do tempo. Ele não fala diretamente sobre a reforma sanitária ou o SUS em termos conceituais, mas sua vivência do cotidiano da instituição que foi central para esses movimentos oferece um contraponto valioso e humaniza a história da saúde coletiva brasileira. Sua memória é um elo vital com o passado, essencial para compreender a alma do IMS.